

IDENTIDADES, PRÁTICAS E MORALIDADES TRANSNACIONAIS: ETNOGRAFIA DA ESGRIMA JAPONESA NO BRASIL¹

Imigração em contextos nacionais e internacionais (GT 01) - Coordenador: Igor José de Renó Machado (UFSCAR) e Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

LOURENÇÃO, Gil Vicente

Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social; Mestrando
Endereço para correspondência: Rua d. Alexandrina, 1249; apto 33, Bloco S; CEP: 13560-290; São Carlos/ SP
gil_vicente1@yahoo.com.br

Orientador: MACHADO, Igor José Renó

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos

RESUMO

O foco é a questão da negociação de uma identidade nipo-brasileira para japoneses e descendentes de japoneses que residem no Brasil e aqueles que buscam uma possibilidade de ascensão econômica no Japão na condição de *estrangeiro*. Vemos que categorias como identidade, etnicidade, Estado-Nação não dão conta de explicar as razões desse fluxo migratório enquanto uma formação substantiva que escapa dos limites territoriais. O princípio é a delimitação das opções conscientes e inconscientes de negociação de uma 'identidade' japonesa mediante a análise das relações sociais entre japoneses, descendentes e brasileiros sem ascendência nipônica tendo por veículo uma prática esportiva designada por *kendo* [*esgrima japonesa*]. Remetemos-nos aos estudos recentes sobre transnacionalismo no objetivo de se entender e explicar o reconhecimento de si e a negociação de uma identidade nipo-brasileira inserida na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: Identidade Nipo-brasileira, Transnacionalismo, Fluxos Migratórios.

ABSTRACT

The focus is the question of the negotiation of an identity Nipo-Brazilian for Japanese and Japanese descendants that inhabit in Brazil and those that search a possibility of economic ascension in Japan in the foreigner condition. We see that categories as identity, ethnicity, State-Nation do not give account to explain the reasons of this migratory flow while a substantive formation that escapes of the territorial limits. The principle is the delimitation of the conscientious and unconscious options of negotiation of one 'Japanese identity' by means of the analysis of the social relations between Japanese, descendants and Brazilians without Japanese ancestry having for vehicle one sportive practice assigned for *kendo* [The way of sword]. Send-in to the recent studies on transnationalism in the objective of if understanding and explaining the recognition of itself and the negotiation of a Nipo-Brazilian identity inserted in the involving Brazilian society.

Key-word: Nipo-Brazilian Identity, Transnationalism, Migratory Flows.

¹ Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

PLANO GERAL DO PROJETO DE CONHECIMENTO

A **temática** do projeto é a imigração japonesa para o Brasil e a identidade nipônica conforme é relacionada com a socialidade brasileira. Com a chegada dos primeiros coletivos humanos não-europeus durante o período da República Velha, o ‘conceito’ de um “Brasil Branco” se viu obliterado frente a novos questionamentos resultantes da relação com os ‘outros’. No caso dos japoneses, as dificuldades de sua inserção na socialidade e na sociabilidade brasileira não foram pequenas. Dificuldades de trabalho como massa de mão de obra no contexto pós-escravidão, dificuldades lingüísticas e estilos de vida tão diferentes, os imigrantes japoneses se valeram de inúmeras estratégias para serem aceitos na sociedade envolvente (LESSER, J.: 2001; MORAIS, F.: 2001). Entre essas estratégias, citamos o estabelecimento das Associações de Japoneses. Nestas associações, entre os diversos tipos de ensinamentos de que são alvo os descendentes de japoneses atualmente, existe uma prática marcial conhecida pelo nome de *Kendo* e significa o “Caminho da Espada”, compreendendo uma série de movimentos corporais, respiratórios e um rígido código ético.

O problema da pesquisa é como se produz “uma” identidade japonesa” no Brasil. Para Oliveira (OLIVEIRA, R. C.: 2000) a identidade designa uma ambigüidade, a saber, a ambigüidade de continuar-se e transformar-se e a ambigüidade de ser ao mesmo tempo uma noção de entendimento grupal e uma noção de classificação exógena. À parte o conceito, notamos que a bibliografia consultada lida com problemas decorrentes da assimilação dos imigrantes ao modo de vida brasileiro e, por outro lado, lida com os dilemas que aparecem quando os *Nikkeis* e *Sanseis* [descendentes de segunda e terceira geração, respectivamente] emigram para o Japão no intuito de trabalhar [(KAWAMURA, L. K.: 2001); (CAPUANO DE OLIVEIRA, A.: 1999); (SASAKI, E. M.: 1999, 2006); (TSUDA, T.: 2003)]. Não obstante, parece que os descendentes de imigrantes japoneses disciplinados na prática do kendo que emigram para o Japão lidam com a diferença decorrente da alteridade de uma forma mais suave do que os descendentes não disciplinados. O **problema** da pesquisa é situar como se dá a formação e negociação no tempo da ‘identidade japonesa’ e seu postulado moral no Brasil no tocante à prática da esgrima. Como a prática da esgrima e o conjunto ético-moral decorrente do treinamento e do contato com professores imigrantes fundamentam a negociação da “identidade japonesa”.

A **hipótese inicial** é a de que a negociação dessa identidade se dá mediante o aprendizado desenvolvido na vida do descendente de um código moral e de conduta ensinado nos treinamentos, evidentemente levando em conta o aprendizado que esses descendentes acumulam em seus lares com seus parentes. Nos treinos, a questão da identidade nipo-

brasileira é exteriorizada e negociada em relação aos ‘brasileiros nativos’ que treinam essa arte marcial, pois os descendentes de japoneses acreditam ser *simultaneamente* brasileiros – e são de fato e de direito – e japoneses, sendo essa característica híbrida um fator de definição identitária.

Portanto, estudo os treinos de *kendo*, ou esgrima japonesa, no sentido de perceber e pensar como é marcada e cogitada a negociação da identidade dos nipo-brasileiros com a sociabilidade envolvente, levando em conta que essa prática é essencialmente **transnacional** [(GLICK-SHILLER, BASCH, BLANC-SZANTON: 1992); (SAHLINS, M.: 1997); (TSUDA, T.: 2003)] por remeter e sintetizar a relação entre Brasil e Japão no nível do discurso falado pelos professores e pelos discípulos, sendo uma forma sincrética de contato entre Brasileiros no Japão e Japoneses no Brasil.

A primeira frente de coleta de dados é a etnografia dos treinos de kendo (esgrima) por intermédio da qual situo e capto o discurso moral e ético proferido pelos professores que ministram as aulas de esgrima. A etnografia dos treinos está sendo realizada na Cidade de São Paulo/ SP. A pesquisa de campo desenvolve-se em formato de *observação participante* em São Paulo, pois é nesta cidade que se concentram cerca de 80% dos praticantes de esgrima e é na região metropolitana que se situam as Associações de japoneses, que são os locais que abrigam as competições. Nos momentos de treino esses homens, que são os imigrantes em si, descendentes diretos e convidados estrangeiros que ministram cursos e técnicas, demonstram o discurso mítico sobre a ética e a moral japonesa.

A segunda frente de coleta de dados é a técnica de entrevistas exploratórias que vem sendo efetuada com professores de kendo nipo-brasileiros e, quando possível, estrangeiros, além de nipo-brasileiros que emigram para o Japão a trabalho, uma vez que esse caso é bem comum e de conhecimento geral pelos descendentes, pois o kendo parece ser uma porta de entrada para o universo e para o território japonês.

A partir da consideração do problema de se pensar em uma identidade nipo-brasileira nos treinos de esgrima, o principal objetivo da pesquisa consiste em equacionar como se desenvolve, nos treinos e nas relações sociais resultantes dos treinos, a negociação – em se tratando do momento atual – dessa identidade nipo-brasileira. Como são processadas a mudança e a negociação de um código de ética pautado na honra e na polidez, levando-se em conta os atuais desígnios do sistema capitalista-individualista; como se dá a colagem de uma ética pautada na honra a uma prática individualista de busca dos interesses pessoais? O presente projeto de conhecimento tem por objetivo oferecer possíveis respostas a essas

questões, ao mesmo tempo em que busca entender e explicar o pensamento atual sobre essa identidade transnacional.

Portanto, o objetivo principal está no entendimento e explicação do kendo enquanto uma prática esportiva e ética que relaciona e re-elabora uma identidade que remete necessariamente aos dois países, constituindo-se como uma boa chave para pensar o *transnacionalismo* e o próprio modo como esses descendentes se vêem. O ponto que julgo importante é que o *kendo* funciona como uma ponte entre Brasil e Japão. Mais especificamente entre a comunidade nipo-brasileira e o Japão. No caso, o plano ético e moral propagado nos treinos arquiteta um conjunto mítico-ideal (LÉVI-STRAUSS, C.: 1970; 1976; 2003; 2004) de uma *Japonesidade*² histórica e passada.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAMPO E SOBRE O KENDO

Posso dizer que comecei a conhecer o *kendo* [*ken*=espada; *do*=caminho] no ano de 2006, em uma visita que fiz a uma cidade de Santa Catarina, chamada Curitibanos. Esta cidade fica no alto de uma serra escarpada, lugar frio e desolado, onde existe uma colônia japonesa e na qual fui convidado mediante o meu interesse e o meu *status* dentro da hierarquia dos praticantes de esgrima. O conceito básico nesse caso é a hierarquia, e o foco inicial é a formulação efetuada por Dumont sobre o tema [DUMONT: 1992]. O autor entende e argumenta que a igualdade e a hierarquia são ideologias, que por sua vez se tratam de um conjunto de idéias e valores. Situa-se em um nível consciente, embora sejam de ordem lingüística. No caso da hierarquia no kendo, não se trata simplesmente de ordens superpostas, como Dumont afirma, mas existe um sistema de graduação em que as pessoas adquirem conhecimentos e sobem nessa hierarquia mediante a passagem por exames de graduação. Nos níveis mais altos, as pessoas sobem de acordo com o trabalho em torno da popularização do kendo e mediante evidentemente sua aprovação nos exames. A hierarquia no kendo não deixa de ter pontos de atrito e pontos de distorções, pois se trata de um sistema que encontra sua devida significação em relação ao plano simbólico japonês e, não raro, choca-se com um sistema calcado em um plano mental que encontra no indivíduo sua gênese e sentido.

Bem antes do evento de Curitibanos, fiz o primeiro contato com o *kendo* na cidade de São Carlos, interior do estado de SP, no início do ano de 2004. Durante este ano, fui me

² Refiro-me a planos cruzados de pensamento e atitudes práticas sobre um possível substrato ideal do que é ser “japonês” e que chamo de *japonesidade*; em suma, um conjunto não delimitado de preceitos morais de conduta.

acostumando a uma série de planos disciplinares japoneses³ que incluem um controle preciso dos movimentos corporais, formas de respiração adequadas, sem contar variadas técnicas de controle e manejo da espada chamada *Shinai* [Espada de bambu]. Durante os anos de 2004 e 2005 passei pelo adestramento mínimo necessário para a prática da esgrima. Posso dizer que estou no campo enquanto observador a cerca de um ano, quando alguns aspectos da prática da esgrima fizeram algum sentido para mim. Os aspectos que fizeram sentido são, em primeiro lugar, a reunião de inúmeras pessoas em torno dessa prática – incluindo japoneses, descendentes e não-descendentes, ou seja, pessoas das mais diversas descendências étnicas – e a produção dos corpos para esse esporte. Em outro sentido, a procura na perfectibilidade dos movimentos, perfectibilidade regida por uma fabricação do corpo.

Retomando o evento da cidade de Curitiba, chegamos ao local em um ônibus da Seleção Brasileira de Kendo após uma viagem exaustiva de SP. Quando chegamos, adentramos na propriedade do Professor Onaka que em muito parecia uma propriedade tradicional do Japão feudal, com um portal de entrada com duas vigas paralelas que lembram as entradas de propriedades samurais. Fomos recebidos com respeito, sendo que as pessoas responsáveis pela recepção estavam enfileiradas e prontas para nos mostrar os alojamentos.

Após as instalações e acomodações, demos início aos treinamentos. Diga-se de passagem, passamos dois dias e meio de intensos treinamentos diários de doze horas – em dois dias – e de seis horas em um dia. O treinamento é extremamente extenuante, mas o que me chamou a atenção não foi o treinamento em si, mas as palestras sobre filosofia do kendo. As palestras focavam formas de se lidar com a morte nos tempos dos *samurais*⁴, formas de se trabalhar a mente para que seja controlado o medo e seja possível um desempenho satisfatório nos combates. Mas o que é um desempenho satisfatório?

Como uma primeira aproximação, pode-se afirmar que não é a vitória em um combate que é prezada – evidentemente a vitória é buscada, mas não é o ponto focal – mas a utilização do kendo como uma forma de se percorrer o caminho na vida. A noção de caminho é extremamente valorizada como o trajeto de uma pessoa pela vida, que compreende um feixe de relações e aprendizados no qual o ‘sujeito’ seria uma síntese. Parece-me que a noção de hierarquia – deixando à parte a sua operacionalização como um princípio lógico, conforme

³ Não sei se posso referir-me a um plano disciplinar japonês. Mas, de qualquer forma, preciso conceituar de alguma forma a disciplina e os ensinamentos corporais aos quais fui submetido e sou constantemente submetido. Em poucas palavras tratam-se de práticas corporais de sentido.

⁴ Uma tradução aproximada do termo seria “aquele que serve”, ou seja, um guerreiro normalmente contratado mediante um estipêndio e que mantinha uma relação de submissão e subserviência ao senhor que lhe tutelava.

Dumont a entende – é a síntese complexa de feixes de relacionalidades, que uma pessoa encarna ao longo de sua existência.

Ao final dos dias de retiro, fomos presenteados com um jantar de despedida com carneiro assado em churrasqueiras chamadas *Jengiscan* – imperador mongol que tentou sem sucesso invadir o Japão. Esta churrasqueira possui uma forma de capacete que, conforme me disseram no local, os soldados mongóis utilizavam para cozer a carne. Ao colocar um evento aparentemente estranho à esgrima, desejo apenas fazer a observação de que são nesses momentos de confraternização que são revividos laços de co-parentela e formulações sobre o que é “ser” um japonês. Essa ontologia não é definitiva.

Uma questão que tenho observado e que me chama a atenção é que os praticantes de esgrima e o “núcleo duro” – professores com idade avançada – não segmentam as pessoas em relação ao seu nascimento ou ascendência étnica. Não vejo como se processam esses desvios classificatórios tão aclamados na bibliografia citada até o presente momento no meu projeto. As pessoas são classificadas de acordo com seu interesse e por sua performance nas lutas, além de que são quase tutelados – se posso utilizar esse termo – por professores.

O *kendo* possui uma economia de símbolos e práticas rituais e uma superabundância de discursos e mitos. A economia de símbolos se manifesta nos seus equipamentos e roupas, a armadura e a roupa tradicional chamada *Hakama* [calça] e *keikogui* [blusa de treino]. As espadas *shinai* [bambu], *bokuto* [espada de madeira] e o *katana* [espada de metal] totalizam a indumentária necessária para a participação nessa prática marcial. As espadas são vistas como o espírito do guerreiro, e as formas e os movimentos realizados são a manifestação desse espírito nas lutas. Em relação aos ‘mitos’⁵, o mais eminente é o de Miyamoto Musashi, guerreiro que viveu nos anos de 1600 no Japão feudal e que não perdeu nenhum dos sessenta duelos em que lutou. Musashi, pela sua personalidade idiossincrática, um homem que prezava igualmente as artes de paz e de guerra, tornou-se um ícone reverenciado no Japão e acabou tomado como um modelo de conduta na esgrima inclusive pelo estilo que desenvolveu, o estilo *nito-ichiryu* [duas espadas, uma escola].

Em um sentido preciso os mitos se atualizam nas lutas. Há uma noção de pessoa enquanto um eterno devir, visto que é buscada uma perfectibilidade a cada momento no sentido de um

⁵ O Mito aparece vinculado a dois determinismos: em primeiro lugar, a sucessão de versões suas anteriores; em segundo, sua vinculação a elementos de ordem infra-estrutural. O que é o mito? – o mito é uma resposta temporal e local a problemas que possuem contradições impossíveis de superar. A título de exemplo, Musashi jamais perdeu um duelo; a contradição impossível de se superar é a de ele não ter morrido em um duelo, em uma socialidade que valoriza positivamente a morte.

desenvolvimento contínuo que não encontra fim. O kendo é um eterno devir. Há uma busca pela neutralização de si como forma de se atingir o oponente.

A morte é o acontecimento produtivo por excelência. A morte é o lugar em que a *pessoa* nipônica se realiza. Há uma positividade na morte, algo paradoxal, pois não há negatividade na vida; pelo contrário, a vida é a forma de realizar o caminho, e a realização do caminho – *do* – é algo extremamente prezado e valorizado nessa cultura da espada.

CAMPO & POSICIONAMENTO

A inserção prévia no campo me favoreceu em parte por conta de que foi possível conhecer pessoas e pessoas importantes do kendo brasileiro. Sem esta inserção, talvez fosse difícil ter o treinamento do olhar para certos problemas e dilemas de hierarquia observados nos salões de treinamento, tais como brigas de egos, ‘vinganças’ atribuídas a perdas em campeonatos passados etc.

Um brasileiro lutando esgrima japonesa não tem muita importância tomada isoladamente de outros fatores relacionais. É se preciso estar atento a um conjunto de regras, valores, ações permeadas pela tradição e consolidadas pelas práticas cotidianas nos locais de treinamento. Existem ao menos uns 300 brasileiros sem ascendência nipônica que treinam e esse não é um problema de fato para os ‘nipo-brasileiros’. O problema está ao que parece na observação dos ritos de combate e de convivência. Os ritos de combate e de convivência relacionam observações rituais de como se portar, como lutar, como agradecer mesmo perdendo um combate.

A escolha deste tema não foi ao acaso. A experiência em Maio de 2006 em Curitiba/Santa Catarina me abriu os olhos para a possibilidade de se trabalhar com imigração e *kendo*. Sem contar a insuficiência em termos de bibliografia conhecida da antropologia em relação ao referido objeto. Em termos gerais, a bibliografia se desenvolve tendo como foco questões de identidade e caminhos internacionais, deixando de lado aspectos centrais, no meu entendimento e que precisam ser explorados. No caso, se os “nipo-brasileiros” neutralizam a diferença biológica transpondo para outros planos as diferenças, o que acontece com as classificações já consagradas pela academia e que vêem que esses sujeitos “se pensam” como ‘japoneses’ no Brasil e ‘brasileiros’ no Japão?

Não há verdades absolutas no kendo. O que existe são redes de parentalidades e agregação de pessoas mediante uma substancialização que não tenho os contornos definidos até o momento presente. Porém, vislumbramos no momento que o conceito de substância pode oferecer um bom rendimento na pesquisa, visto que há uma multiplicidade de distinções a

serem feitas sobre matérias corporais – e incorporais – e podem ser usadas como elementos chave para pensar o conceito de substância como um termo analítico para abrir novas áreas de investigação. Essa multiplicidade de classes de significados não é problemática, mas sim a natureza inexamined dessas classes. A principal questão que tenho é como devo me posicionar, o que supõe que outras pessoas me posicionem e permitam a observação e, conforme venho fazendo, ou seja, colocando o meu corpo à prova para ser admitido no convívio tem apresentado efeito.

QUESTIONAMENTOS

Podemos pensar a relação entre migrantes brasileiros e japoneses como um caso de dualismo concêntrico? Tomando – primeiramente – a idéia estabelecida por Maybury-Lewis[1989] na introdução ao trabalho “The attraction of opposites” de que os coletivos humanos formulam e organizam seus pensamentos e instituições sociais por meio de opostos, vejo que podemos talvez argumentar que haja um dualismo concêntrico em relação ao pensamento dos nipo-brasileiros que lutam esgrima. Em segundo, a idéia que traria conseqüências interessantes é a de *diferença* ao contrário da identidade e, para isso, a matriz epistêmica seria Gabriel Tarde (2003) – e os desenvolvimentos conhecidos na perspectividade da antropologia de Viveiros de Castro e colaboradores. Como estabelecer o fato, ou melhor, a discursividade?

Em primeiro lugar, a organização dos esgrimistas em suas associações e em suas relações tomam por base um passado e um presente nipônicos idealizados e, por que não, míticos. Os sujeitos tomam como matrizes de inteligibilidade configurações purificadas desse passado nipônico e samuraico, pensando e re-significando coisas e seres. Em segundo lugar e ao lado dos nipo-brasileiros, as formas de convivência e de procura e sujeição a saberes-poderes são orientadas para um centro de onde tudo emana; no caso, o centro de nosso mapa seria o Japão. Quanto mais distante se está desse centro mais impuro se é. Ou seja, caso um sujeito hipotético seja descendente de japoneses, fale o idioma e se porte de determinadas maneiras, mais próximo a um centro estará e mais purificado, em conseqüência. Em contrapartida, quanto mais distante, brasileiro, falante de português etc etc, mais impuro.

O corolário dos dois pontos permitiria pensar um *dualismo concêntrico expandido*, ou talvez a própria idéia de uma *marcação da diferença* – e aqui seria interessante se interrogar como os atores se posicionam frente a outros atores e em relação a essa invenção de um passado mítico – pois o local em si não tem valor de determinação na configuração dessa forma de cognição. Reporto-me a recentes dados que venho coletando em campo e que apontam na direção de que a identidade entre os atores não pode ser postulada a priori e que o grupo enquanto grupo precisa ser equacionado, pois não homogêneo. Evidentemente que estamos em um nível tautológico, visto

que qualquer grupo considerado e perimetrado pela analítica não é homogêneo. Não obstante, continuamente observamos que é a *diferença* que marca a distância entre um ponto e um centro considerado e, mais especificamente no caso dos ‘nipo-brasileiros’, lanço o conceito de um *gradiente de distância*, o qual traçaria a *ontologia de geometria variável* entre dois extremos. Estes dois extremos podem ser localizados nesta geometria leibnitziana em um ponto que identifica uma – ou várias – forma[s] de niponicidade e uma – ou também várias – forma[s] de brasilidade que colidem entre si no espectro de demarcação de identidades e diferenças.

O postulado de uma *ontologia de geometria variável* é justificável na presente proposta, visto que o que está em questão atualmente para vários dos ‘nipo-brasileiros’ [evidentemente e mais especificamente aqueles que detêm postos e posições variadas na conjunção de saberes e poderes na hierarquia das políticas das associações em sua relação com a sociabilidade e socialidade brasileiras e que exclui por definição a purificação daqueles que sofrem a influência minorada do campo de gravitação dessas associações políticas] na entrada do ano de 2008 – ano este em que serão comemorados os Cem anos de imigração japonesa no Brasil – é o conhecimento do que é *Ser* japonês, ou seja, o que é ser um *nihonjin* e esta filo-ontologia é foco e palco de disputas variadas pelos descendentes e pelos japoneses imigrantes. Direto ao ponto, *ontologia* porque há discursos sobre o Ser e *geometria variável* pois implica graus de proximidade e distância em relação à idéia e à prática da niponicidade.

BIBLIOGRAFIA

1-Bibliografia sobre migração

ASSIS, Gláucia de Oliveira & SASAKI, Elisa Massae. 2001. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: **Migrações internacionais: contribuições para políticas**. Brasília: CNPD.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. 1972. **Estrutura Familiar e Mobilidade Social – Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo**, Tese de Doutorado apresentada ao departamento de Ciências Sociais da FFLCH, USP, São Paulo.

ENNES, M. A. 2001. **A construção de uma identidade inacabada**. Editora UNESP, São Paulo.

GLICK SHILLER, BASCH, L., BLANC SZANTON (org.). 1992. *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered*. **New York: Annals of the New York academy of Sciences, 645.**

GLICK-SCHILLER, N. e FOURON, G.. 2000. Os fundamentos raciais do Estado-Nação Transnacional in Feldman-Bianco, B.e Capinha, Graça (org) **Identities: estudos de cultura e poder**, São Paulo: Hucitec.

HALL, Stuart. 1996. “A identidade cultural e diáspora”, In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, vol.24, Brasília.

KAWAMURA, Lili Katsuco. 2001. A questão cultural e a Discriminação Social na Migração de Brasileiros ao Japão. In CNPD, **Seminário Internacional Migrações Internacionais - Contribuições para Políticas**. Brasília, CNPD,

LESSER, Jeffrey. 2001. **A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. Editora UNESP, São Paulo.

MACHADO, Igor José de Renó. 2003. **Cárcere Público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal**. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas.

MACHADO, Igor José de Renó. 2004. “Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação”, In **Revista de Antropologia**, vol.47, no.1, p.207-233. ISSN 0034-7701.

MACHADO, Igor José de Renó. Brasileiros no exterior e cidadania. [no prelo] in “**caminhos da cidadania**” org. Bela F. Bianco, ed UNICAMP, SP

MACHADO, Igor José de Renó. 2002. Mestiçagem arqueológica. in **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, nº 2, pp. 385-408

MORAIS, F. 2001. **Corações sujos**. Companhia das letras, São Paulo,

MORI, Koichi. 1992b Transição dos dekassegui provenientes do Brasil e considerações sobre alguns dos problemas. In: NINOMIYA, Masato (orgs.). **Simpósio sobre o fenômeno chamado ‘Dekassegui’**. São Paulo, Ed. Estação Liberdade/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, pp.135-160.

OLIVEIRA, Adriana CAPUANO de. 1997. **Japoneses no Brasil ou brasileiros no Japão: a trajetória de uma identidade em um contexto migratório**. Campinas, dissertação de mestrado em sociologia, IFCH, UNICAMP,

OLIVEIRA, Adriana CAPUANO de. 1999. “Repensando a Identidade dentro da emigração de kassegui”, In REIS, Rossana Rocha & SALES, Teresa (org) **Cenas do Brasil Migrante**, Boitempo Editorial, SP

OLIVEIRA, Adriana CAPUANO de. 2003. O caminho sem volta – classe social e etnicidade entre os brasileiros na Flórida. in MARTES, A.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. 1962. “Estudos de áreas de fricção interétnica no Brasil”, In **América Latina**, vol.3, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. 2000. “Os (Des)caminhos da Identidade”, In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Fevereiro, Vol.15, n.42,

SAHLINS, M. 1997 O “Pessimismo sentimental e a experiência etnográfica (PARTE I e II) **MANA** 3(1):41-73,

SASAKI, Elisa Massae. 1999. Movimento DeKassegui: A Experiência Migratória e Identitário dos Brasileiros Descendentes de Japoneses no Japão. In Sales e Reis (orgs). **Cenas de Um Brasil Migrante**. São Paulo, Boitempo Editorial,

SASAKI, Elisa Massae. 1998. **O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento Dekassegui**. Campinas, dissertação de mestrado em sociologia, IFCH, UNICAMP

SASAKI, Elisa Massae. 2006. A imigração para o Japão. **Estudos avançados** no. 57

TSUDA Takeyuki. 1999c. Transnational Migration and the Nationalization of Ethnic Identity among Japanese-Brazilian Return Migrants. **Ethos: Journal of the Society for Psychological Anthropology** 27(2);

- TSUDA Takeyuki. 2000. Acting brazilian in japan: ethnic resistance among return migrants. **Ethnology**. Wntr v39;
- TSUDA Takeyuki. 2003. Domesticating the immigrant other: Japanese media images of nikkeijin return migrants. **Ethnology**, Fall v42 (17);
- TSUDA Takeyuki. 1999. The Motivation to Migrate: The Ethnic and Sociocultural Constitution of the Japanese-Brazilian Return-Migration System. **Economic Development & Cultural Change**, Oct v48;
- TSUDA Takeyuki. The Stigma of Ethnic Difference: The Structure of Prejudice and "Discrimination" towards Japan's New Immigrant Minority. **Journal of Japanese Studies** 24(2);
- TSUDA, Takeyuki. 2003. **Strangers in the ethnic homeland**. Columbia University Press, New York,
- UEDA, V. 2001. Las "tres k": la migración temporal de los nipobrasileños. **Scripta nova** no. 94, Universidad de Barcelona,
- YAMANAKA, K.. 1996 Return Migration of Japanese-Brazilians to Japan: The Nikkeijin as Ethnic Minority and Political Construct. **Diaspora** 5(1),.
- WOLF, Eric. 2003. Etnicidade e Nacionalidade in **Antropologia e Poder: Contribuições de Eric Wolf** Feldman-Bianco, B. E Lins Ribeiro, G. (orgs.),

2- Bibliografia geral

- ALLEN, N.J. **The Category of the person: a reading of Mauss last essay**. S/D
- CARSTEN, J 2003. **After kinship**. Cambridge university press,
- DUMONT, L. 2000. **O Individualismo**. Rocco, Rio de Janeiro,
- DUMONT, L. 1992. **Homo hierarchicus**. Edusp, SP,
- DURKHEIM, E. 2000. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Martins Fontes, São Paulo,
- DURKHEIM, E. 1973 As Regras do Método Sociológico. In **Os Pensadores**, Nova Cultural, 1ª Edição, São Paulo,
- FAVRET-SAADA, J. 2005. Ser afetado. **Cadernos de campo** n.13: 155-161; tradução de Paula Siqueira
- GEERTZ, C. A 1989. **Interpretação das Culturas**, LTC, Rio de Janeiro,
- GOLDMAN, M.A 1985. Construção Ritual da Pessoa: a Possessão no Candomblé. **Religião e Sociedade**, 12[1]: 22-55,
- GOLDMAN, M.A 1996. Uma Categoria do Pensamento Antropológico: a Noção de Pessoa. **Revista de Antropologia**, 39[1]: 83-110,
- GOLDMAN, M. 2003. Os tambores dos mortos. **Revista de antropologia**, v. 46
- HÉRITIER, F. 1999. **Two sisters and their mother**. Zonebooks,
- LEACH, E. R. 1970. **As idéias de Lévi-Strauss**. Editora Cultrix, São Paulo,
- LEVI-STRAUSS, C. 2003. Introdução à obra de Marcel Mauss, in Mauss, M. **Sociologia e Antropologia**. Cosac & Naify, São Paulo,
- LEVI-STRAUSS, C. 1996. **Antropologia Estrutural**. Biblioteca Tempo Universitário, (7), 5ª Edição, RJ
- LEVI-STRAUSS, C. 1976. **Antropologia Estrutural 2**. Biblioteca Tempo Universitário, (45), RJ
- LEVI-STRAUSS, C. 1970. **O Pensamento Selvagem**. Companhia Editora Nacional, EDUSP, São Paulo,

- LEVI-STRAUSS, C. 2004. **O Cru e o Cozido**. [Mitológicas Vol. 1] Cosac & Naify, São Paulo,
- LUKES, S. 1985 Conclusion, in **The category of the person**. Cambridge University Press.
- MAUSS, M. 2003. **Sociologia e Antropologia**. Cosac & Naify, São Paulo,
- MAYBURY LEWIS, D. & ALMAGOR, U. 1989. **The attraction of opposites**. The University of Michigan Press,
- SAHLINS, M. 1999. **Ilhas de História**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro,
- SAHLINS, M. 2003. **Cultura e razão prática**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro,
- SCHNEIDER, D. 1968 **American kinship: a cultural account**. Prentice-hall
- STRATHERN, M. 1996. **Key Debates in Anthropology**. Book by Tim Ingold; Routledge,
- STRATHERN, M. 1995 **The relation**. Prickly pear press,
- STRATHERN, M. 1980 **Nature, culture and gender**, Cambridge University Press.
- STRATHERN, M. 1992 **Reproducing the future**. Manchester University Press,
- TARDE, G. 2003. **Monadologia e Sociologia**. Vozes, RJ,
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. **A Inconstância da Alma Selvagem**. Cosac & Naify, São Paulo,
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1979. A Fabricação do Corpo na Sociedade Xinguana. Rio de Janeiro: **Boletim do Museu Nacional**, 32: 40-49
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1992. .- O campo na selva, visto da praia. **Estudos Históricos**, RJ, V. 5
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1986 **Araweté: os deuses canibais**. Jorge Zahar, RJ,
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002 O nativo relativo. **Mana** 8(1)